

Banqueiros não estão dispostos a dar novos créditos

MONTREAL (Do enviado especial)

— Um grupo de banqueiros privados deixou claro ontem que daqui por diante os países latino-americanos vão ter de se valer mais de sua própria poupança interna, de suas exportações e da repatriação de capitais para financiar os programas econômicos e o seu crescimento. A maior parte dos bancos, disseram, vai dificultar a concessão de empréstimos aos devedores.

Em sua opinião, ao renegociar a dívida externa, os Governos agora terão de se decidir entre duas opções: a redução de parte do estoque do débito ou um pequeno pacote de dinheiro novo. Ambas as coisas — como sugere o Plano Brady — não serão obtidas de uma só vez.

— Os Governos terão de considerar um aspecto que até aqui não levaram em conta: a busca de alívio a curto prazo poderá prejudicar uma solução a longo prazo — disse Volker Burghagen, Gerente Geral do Dresdner Bank, da Alemanha.

Seu comentário foi feito a uma plateia de devedores e credores, que participou ontem de um seminário sobre o financiamento do desenvolvimento da América Latina, promovido pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), aqui em Montreal. O banqueiro japonês Kauru Hayama, Diretor Executivo do Banco de Tóquio, reforçou a declaração de seu colega alemão:

— De fato não será fácil conseguir novos empréstimos dos bancos. A nossa cooperação vai depender agora de um apoio direto dos Governos credores e também de um renovado esforço dos países devedores para colocar ordem em sua casa, através de ajustes rigorosos.

Donald Fullerton, Presidente do Canadian Imperial Bank of Commerce, falou em nome da Associação dos Banqueiros do Canadá. E foi ainda mais direto em suas declarações:

— Eu e meus colegas não gostamos nem um pouco da idéia de perdoar dívidas. Quando tomamos uma



Só Rhodes defende novos créditos

decisão nesse sentido é porque se trata de um caso perdido. E então o país que recebe o perdão já sabe que não obterá mais dinheiro nosso. É óbvio que se cria um estigma: se o credor quiser voltar a ter crédito, terá que trabalhar duro para isso.

Segundo ele, os banqueiros estão

lidando com algo concreto que os países devedores não levam em conta: seus clientes.

— Nós temos que deixar de lado muitas considerações que vêm sendo feitas sobre a questão da dívida externa e nos conscientizarmos de que é preciso lidar com a realidade. Muitos de nós, banqueiros, queremos ajudar. Mas nós não podemos arriscar a confiança de nossos depositantes. Nós não podemos perder tal confiança — disse Fullerton.

O único a defender novos créditos para a América Latina foi William Rhodes, Diretor Internacional do Citicorp. Ainda assim, ele disse que seu banco estaria disposto a reativar o fluxo de capital para a região desde que os países deixassem de dar ênfase à redução do estoque antigo:

— Só a redução da dívida não vai solucionar o problema. Os países vão necessitar de dinheiro novo. Mas se insistirem na redução, acabarão dependendo mais de sua poupança interna para se financiar.